

Fugindo da síndrome do vira-lata e criando o MPT-Melhoria de Processo de Teste

por Emerson Rios

Introdução

Como veremos neste artigo existem no mundo diversos modelos de melhoria de processo de teste de software. Todos esses modelos foram desenvolvidos por empresas localizadas nos Estados Unidos ou na Europa. Um dos caminhos que poderíamos seguir no Brasil seria usar um desses modelos, mesmo que para isso tivéssemos que pagar a um empresário no exterior. As razões eram muitas, pois realmente é muito mais fácil importarmos um produto acabado e que já tenha sido usado por empresas no exterior. Ao tomarmos essa decisão surgem então algumas perguntas: O fato de ter sido desenvolvido no exterior significa que o modelo é bom? A segunda e mais importante pergunta era a seguinte: não seríamos capazes de criar no Brasil um modelo semelhante? O exame CBTS criado pela ALATS para certificar analistas de teste no Brasil mostrou que não havia a necessidade de importarmos conhecimento nesta área e pagar por isso royalties a empresários estrangeiros. As opções nesta área eram muitas, como os exames do QAI e do ISTQB, criados por empresas européias e americanas. Veio a nossa cabeça a famosa frase do teatrólogo Nelson Rodrigues quando dizia que o brasileiro precisava se livrar da síndrome de vira-lata. Essa frase vinha sendo dita antes de sermos campeões do mundo de futebol pela primeira vez em 1958. Naquela data ele falou que estávamos livres da terrível maldição. O MPT veio para mostrar mais uma vez que podemos nos livrar da síndrome do vira-lata e criar um modelo brasileiro de melhoria de teste de software. Aquele trauma que nos leva a concluir que o que vem de fora será sempre melhor não mais nos perseguirá.

Os modelos de maturidade de teste de software

Ao mesmo tempo em que se começava a implantar as áreas de teste nas empresas, os especialistas já se preocupavam com os modelos que permitissem a sua melhoria. Datam da década de 90 os primeiros modelos de maturidade de teste. O que é interessante, pois talvez 80% ou mais das empresas que desenvolviam software, ainda não trabalhavam com equipes especialistas em teste de software. Atualmente existe uma verdadeira sopa de letrinhas envolvendo esses modelos de maturidade de teste de software conforme listado adiante:

- Testability Support Model (TSM) (criado por David Gelperin in 1996)
- Testing Maturity Model (TMM) (criado pelo Illinois Institute of Technology (IIT) em 1996)
- Test Process Improvement (TPI) (criado por Koomen and Pol in 1997)
- Test Organization Maturity (TOMtm) (criado pela empresa Systeme Evolutif)
- Testing Assessement Program (TAP) (criado pelas empresas Software Futures ltd and IE Testing Consultancy LTD)
- Testing Improvement Model (TIM) (criado por Ericson, Subotic and Ursing)
- Testing Maturity Model Integration (TMMi) (criado e mantido pela TMMi Foundation)

- Maturity Model for Automated Software Testing (criado por Mitchel H. Krause in 1994)
- MMT – Modelo de Melhoria de Teste (criado por Emerson Rios e Trayahu Moreira no livro Teste de Software, editora Altabooks)

Nenhum desses modelos possui alguma organização que os represente no Brasil, isso significa que implementá-los será bastante difícil. Além disso, mesmo que o interessado consiga instalar o modelo por conta própria, sem nenhum apoio técnico especializado, será praticamente impossível, ou no mínimo muito caro, conseguir ser avaliado e ter o seu nível de maturidade homologado e reconhecido no mercado.

Áreas de processo do modelo MPT

O modelo MPT, na sua versão atual, possui as seguintes áreas de processo nos seus cinco níveis de maturidade:

<u>Nível 1</u>	<u>Gerência de Projetos de Teste - GPT</u>
Nível 2	<u>Gerência de Requisitos de Teste - GRT</u>
<u>Nível 3</u>	<u>Aquisição – AQU (opcional)</u>
	<u>Gerência de Configuração – GCO</u>
	<u>Garantia da Qualidade - GQA</u>
	<u>Medição - MED</u>
<u>Nível 4</u>	<u>Gerência de Recursos Humanos - GRH</u>
	<u>Gerência de Reutilização - GRU (opcional)</u>
	<u>Gerência de Riscos - GRI</u>
<u>Nível 5</u>	<u>Validação - VAL (opcional)</u>
	<u>Verificação - VER</u>

Objetivo

O MPT, da mesma forma que o MPS.Br e o CMMI, possui níveis de maturidade. Cada nível de maturidade pode ter uma ou mais áreas de processo. A implantação dessas áreas, mesmo nos níveis mais baixos, como no caso do nível 1 do MPT que tem apenas uma área de processo, traz de imediato melhorias na forma como a empresa ou organização executa os seus testes de software.

Cada área de processo tem a seguinte organização:

- Área de processo
 - Práticas específicas
 - Objetivos genéricos

- Práticas genéricas

Para garantir à aderência a área de processo, devem ser implementadas as práticas específicas e as práticas genéricas, que se aplicam a todas as áreas de processo, correspondentes ao nível de maturidade pretendido. A avaliação de que a unidade de teste alcançou um determinado nível será feita através da comprovação objetiva dos resultados alcançados e do exame das evidências (diretas, indiretas e afirmações) de que a empresa implantou cada uma das práticas específicas e genéricas para aquela área de processo e grau de maturidade visado. A empresa demonstra que implantou uma prática mostrando uma evidência que normalmente é um documento ou artefato que mostra isso. Por exemplo, na área de processo de gerência de projetos de teste que aparece no nível 1 do MPT, a principal evidência é o Plano de Teste. Através dele pode ser demonstrado que grande parte das práticas exigidas já foram implementadas.

Conclusão

O MPT vem sendo desenvolvido pela Riosoft, ALATS e Softex ainda sem nenhum apoio financeiro de alguma instituição de fomento, como deveria ser comum em projetos desse tipo, pois o seu benefício irá reverter em melhorias significativas na forma como as empresas irão testar os seus softwares. No site da Riosoft e da ALATS estão disponíveis os três primeiros níveis do modelo e atualmente uma empresa do governo já foi avaliada no nível 1 e outras duas estão em processo de implementação do modelo, tudo sob a forma de projetos pilotos. Alguns cursos de formação de implementadores já foram dados e técnicos credenciados no modelo já estão credenciados a instalar o modelo em diversos estados do Brasil. Para ser um implementador credenciado é preciso, além do curso, ter o certificado CBTS/ALATS. Algumas ações junto ao BID e outros organismos de apoio financeiro já estão sendo desenvolvidas e brevemente teremos novos recursos para levar adiante esse projeto. De qualquer forma, embora de forma lenta, e contanto com o apoio de grupos técnicos na internet vários artefatos já foram desenvolvidos e estão disponíveis nos sites da ALATS e da Riosoft. Podemos afirmar que a síndrome do brasileiro vira-latas já não nos atormenta, pois o modelo foi criado e está caminhando na sua evolução normal, mesmo que lentamente.